

GEORGE BERKELEY: EMPIRISMO, CIÊNCIA E METAFÍSICA¹

Alexandre Meyer Luz²

RESUMO

Este ensaio pretende apresentar ao leitor os aspectos centrais do pensamento de George Berkeley, caracterizando-o, em primeiro lugar, como um autor central para o desenvolvimento do empirismo moderno (por ter rompido com projeto filosófico lockeano) e, secundamente, como um filósofo da ciência que estabeleceu as bases do instrumentalismo contemporâneo. Paralelamente, pretendemos mostrar aqui que outros aspectos da filosofia berkeleniana (suas motivações religiosas e sua metafísica) são meramente reflexos de sua biografia pessoal, exercendo pouco ou nenhum papel na sustentação³ do empirismo e do instrumentalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Berkeley. Empirismo. Instrumentalismo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este ensaio apoia-se, principalmente, nas duas obras epistemológicas berkelenianas: o *A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge*⁴, de 1710, a quem nos referiremos, daqui por diante, como *Tratado* e os *Three Dialogs Between Hylas and Philonous*⁵, de 1713 (*Diálogos*, doravante). Estão supostos, porém, os diversos ensaios berkelenianos sobre Ciência e Matemática.

Ao leitor pedimos que nos conceda o uso de uma distinção que poderá parecer artificial mas que, como ficará claro, será de grande valor para a condução de nosso argumento. Estaremos, no corpo deste ensaio, distinguindo entre um “Berkeley Teólogo”, um

¹ Gostaria de agradecer ao professor Marcos Rodrigues da Silva por suas valiosas sugestões.

² Mestre e Doutorando em Filosofia (PUC-RS). Professor da Fundação Educacional de Brusque (FEBE). E-mail: meyerluz@nutechnet.com.br

³ Como ficará claro ao longo deste texto, não estamos ignorando as motivações religiosas da filosofia berkeleniana. Estamos apenas a nega-las um papel teoricamente relevante na sustentação lógica de qualquer argumento central da teoria.

⁴ Lido na edição brasileira (In. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1ª Ed., 1973, vol. XXII) e citado na versão *online* disponível em <<http://www.utm.edu/research/iep/text/berkeley/berkprin.htm>>.

⁵ No volume já citado da coleção *Os Pensadores*.

“Berkeley Empirista”, um “Berkeley Filósofo da Ciência” e um “Berkeley Metafísico” (ou “idealista”, como foi chamado por Kant). Esta divisão pode parecer inadequada, isto concedemos. Não queremos com ela, porém, indicar cisão alguma no pensamento berkeleniano – que é, de todo, admiravelmente coerente. Mas, como o leitor perceberá, esperamos mostrar quais conexões devem (e as que não devem) ser estabelecidas entre os “quatro Berkeley”.

1. BERKELEY, BISPO DE CLOYNE

A motivação mais profunda da filosofia de George Berkeley, Bispo de Cloyne, é, a nosso ver, por razões evidentes, de caráter religiosa. Toda a parte final do *Tratado* é marcada pela preocupação em mostrar a compatibilidade entre as teses ali defendidas e as crenças da Teologia da época; Berkeley pretende demonstrar as vantagens de sua teoria, no que toca ao combate aos “céticos e aos ateus”. Nas palavras do próprio Berkeley, no encerramento do *Tratado*:

For, after all, what deserves the first place in our studies is the consideration of GOD and our DUTY; which to promote, as it was the main drift and design of my labours, so shall I esteem them altogether useless and ineffectual if, by what I have said, I cannot inspire my readers with a pious sense of the Presence of God; and, having shewn the falseness or vanity of those barren speculations which make the chief employment of learned men, the better dispose them to reverence and embrace the salutary truths of the Gospel, which to know and to practice is the highest perfection of human nature. (Tratado, 156)

Não há razões para duvidar da piedade de Berkeley. Ele, por exemplo, utiliza-se da suposição da existência de Deus para fins filosóficos, e o faz sem preocupações – pelo menos aparentes – com a aceitabilidade de tal movimento, como é comum para o crente. Um Filósofo atento, porém, poderia retrucar a nossa afirmação anterior lembrando-nos, corretamente, que a existência de um espírito que garante a regularidade de nossas percepções (e, daí, de nossas idéias) é indispensável para garantir plausibilidade à teoria. E este espírito dotado de tal qualidade (da qual nós, mortais, somos privados) é, evidentemente, Deus⁶. No entanto, em relação a isto, duas observações devem ser feitas: o apelo ao conceito de deus, como garantia de nossa relação com o mundo (no caso de Berkeley, como garantia da regularidade de nossas percepções, etc.), não é exclusividade do sistema berkeleniano; antes

⁶ Confira, por exemplo, os parágrafos 30, 63 e 146-7 do *Tratado*.

dele, já Descartes havia utilizado o mesmo expediente, para garantir a possibilidade do conhecimento do mundo exterior. A questão relevante aqui, porém, consiste em percebermos que este expediente é utilizado por Berkeley apenas como uma resposta a problemas pontuais da teoria (a já lembrada necessidade de explicar a regularidade de nossas percepções, a tarefa de explicar a sua origem, etc.); a referência a “deus” surge quase como uma hipótese *ad hoc*, num sentido que pode ser facilmente explicado: “deus” é utilizado como um conceito metafísico para resolver questões legítimas mas igualmente metafísicas (porque não poderiam ser respondidas apenas por apelo às nossas percepções). E este conceito metafísico poderia, como afirmaremos, ser substituído por um outro qualquer, ou até por uma saída cética. A teoria berkeleniana não nos parece ter sido elaborada para, de modo necessário, acomodar o conceito de “deus”. Antes, é a suposição da existência de Deus que é útil para a solução de problemas que decorrem dos fundamentos da teoria.

Em segundo lugar, é importante ser observado que Berkeley não oferece – e sequer parece preocupado em oferecer – uma prova da existência de Deus. Deus é apenas postulado na teoria (pelas razões acima expostas). Um Teólogo encontraria aqui um material, a nosso ver, bastante pobre. As referências a “deus” são, aceitamos, coerentes com a biografia de Berkeley – e seria de estranhar se assim não o fosse! Mas mesmo que toda sua obra tivesse sido escrita para glorificar o Seu nome, ela poderia ser erguida, quase que integralmente, sem referência a Ele.

Não há razões, pois, para superestimarmos o papel das crenças religiosas de fundo na obra berkeleniana. Suas crenças podem ter sido decisivas para, digamos, questões de ajuste em sua teoria. As suas inspirações centrais não vêm, porém, da Teologia. Berkeley é antes, vamos aceitar, um (utilizando os títulos acima estabelecidos) filósofo da ciência e um filósofo empirista. Esta é a tese que pretendemos aqui sustentar.

2. BERKELEY, O EMPIRISTA

É evidente a influência da obra de John Locke sobre a filosofia berkeleniana. Berkeley é, como dissemos, um empirista, assumindo o legado lockeano de crença na falibilidade de nossas crenças sobre o mundo, dada a intrasponibilidade de nossas

percepções⁷. Por outro lado, é mais significativo percebermos que, no escopo do *Tratado*, Locke é, antes de mais nada, um adversário.

Locke é um adversário, primeiramente, devido a sua tese sobre o papel da abstração em nosso entendimento (cf. 11 e ss.). Todavia, a nosso ver, Locke é um adversário a ser batido, antes de mais nada, no que se refere à distinção entre qualidades primárias e secundárias.

2.1. Locke, Qualidades Primárias e Secundárias

É bem conhecida a distinção lockeana entre qualidades primárias e qualidades secundárias. É bem conhecida, igualmente, a relação entre tal distinção e a ciência corpuscularista de seu tempo, especialmente a de Boyle. Locke pretendia, no *An Essay Concerning Human Understanding* (*Ensaio*, doravante), fornecer um fundamento filosófico para o corpuscularianismo. Não por outra razão, Locke considerava indispensável garantir um substrato ontológico para a nova física, que se dará exatamente através da noção de “qualidade primária”.

*Whatsoever the mind perceives in itself, or is the immediate object of perception, thought, or understanding, that I call idea; and the power to produce any idea in our mind, I call quality of the subject wherein that power is. Thus a snowball having the power to produce in us the ideas of white, cold, and round,- the power to produce those ideas in us, as they are in the snowball, I call qualities; and as they are sensations or perceptions in our understandings, I call them ideas; which ideas, if I speak of sometimes as in the things themselves, I would be understood to mean those qualities in the objects which produce them in us. (Ensaio, II,8, 8, grifo nosso)*⁸

E, seguindo,

Qualities thus considered in bodies are, First, such as are utterly inseparable from the body, in what state soever it be; and such as in all the alterations and changes it suffers, all the force can be used upon it, it constantly keeps; and such as sense constantly finds in every particle of matter which has bulk enough to be perceived; and the mind finds inseparable from every particle of matter, though less than to make itself singly be perceived by our senses: v.g. Take a grain of wheat, divide it into two parts; each part has still solidity, extension, figure, and mobility: divide it again, and it retains still the same qualities; and so divide it on, till the parts become insensible; they must retain still each of them all those qualities. For division (which is all that a mill, or pestle, or any other body, does upon another, in reducing it to insensible parts) can never take away either solidity, extension, figure, or mobility from any body, but only makes two or more

⁷ Como veremos mais adiante, o empirismo berkeleniano é acompanhado por uma visão instrumentalista das teorias científicas que, a nosso ver, pode ser estendida a todas as crenças de caráter empírico.

⁸ Os excertos aqui utilizados são todos da versão *on line* do *An Essay Concerning Human Understanding*, disponível em <<http://www.knuten.liu.se/~bjoch509/works/locke/understanding.txt>>.

distinct separate masses of matter, of that which was but one before; all which distinct masses, reckoned as so many distinct bodies, after division, make a certain number. These I call original or primary qualities of body, which I think we may observe to produce simple ideas in us, viz. solidity, extension, figure, motion or rest, and number. (Ensaio, II, 8, 9)⁹

As qualidades secundárias, por sua vez, não existem nos objetos, mas são provocadas em nós através da ação das qualidades primárias. É importante notarmos como Locke descreve esta ação:

After the same manner, that the ideas of these original qualities are produced in us, we may conceive that the ideas of secondary qualities are also produced, viz. by the operation of insensible particles on our senses. For, it being manifest that there are bodies and good store of bodies, each whereof are so small, that we cannot by any of our senses discover either their bulk, figure, or motion,- as is evident in the particles of the air and water, and others extremely smaller than those; perhaps as much smaller than the particles of air and water, as the particles of air and water are smaller than peas or hail-stones;- let us suppose at present that the different motions and figures, bulk and number, of such particles, affecting the several organs of our senses, produce in us those different sensations which we have from the colours and smells of bodies; v.g. that a violet, by the impulse of such insensible particles of matter, of peculiar figures and bulks, and in different degrees and modifications of their motions, causes the ideas of the blue colour, and sweet scent of that flower to be produced in our minds. It being no more impossible to conceive that God should annex such ideas to such motions, with which they have no similitude, than that he should annex the idea of pain to the motion of a piece of steel dividing our flesh, with which that idea hath no resemblance. (Ensaio, II, 8, 13)

Locke fornece-nos, pois, uma epistemologia coerente que estabelece, ainda, uma ontologia para o corpuscularismo¹⁰. Ele não supõe, porém, dois problemas que Berkeley, a partir dos mesmos pressupostos empiristas, estabelecerá: a demonstração do fundamento epistemológico das distinções qualidades primárias/secundárias e, decorrendo daí a incompatibilidade entre o realismo de fundo da nova ciência e o empirismo.

2.2. Berkeley e Locke

A nosso ver, o caminho exegético mais interessante a ser traçado entre Berkeley e Locke é aquele em que reconstruímos um Berkeley dialogando com Locke exatamente em relação aos dois aspectos mencionados ao final da seção anterior. Nesta leitura, Berkeley pode

⁹ Locke considera, nesta passagem, que a existência de qualidades primárias é algo que podemos perceber *via* abstração. Como é sabido, Berkeley rejeitará a abstração como fonte de conhecimento (confira, por exemplo, a introdução do *Tratado*). O ataque às idéias abstratas será utilizado também, por exemplo, em um ataque contra a noção newtoniana de *espaço absoluto* (*Tratado*, 116). George Pappas, em *Abstract Ideas and The 'Esse is Percipi' Thesis* (In: CREERY, W. *George Berkeley – Critical Assessments*. Londres: Routledge, 1991, Vol. II, pp. 271-85) aponta com precisão para o papel central do ataque às idéias abstratas para a filosofia berkeleniana.

ser caracterizado como, primeiro, um pensador que radicaliza as teses empiristas estabelecidas por Locke; em segundo lugar, Berkeley será caracterizado como o filósofo que aponta para o devido lugar da epistemologia empirista: como fundamento do instrumentalismo.

2.2.1. O ataque à distinção qualidades primárias/secundárias

Boa parte dos esforços do *Tratado* são dedicados ao ataque à distinção entre qualidades primárias e secundárias. Trataremos deste ataque mais adiante. Nos interessa, antes, identificar a estrutura geral do ataque desferido por Berkeley. E isso nos interessa porque, como veremos, todo o ataque se dá com armas fornecidas pelo próprio Locke.

Locke fornece-nos (*Ensaio*, II, 8, 21) um critério para a distinção entre as duas qualidades: já que as qualidades secundárias não existem de fato nos objetos, mas são produzidas em nós através dos poderes das qualidades primárias¹¹, elas podem gerar idéias distintas em homens distintos.

Berkeley, porém, estabelecerá uma linha de ataque direta à tal critério: já que não podem existir idéias abstratas *a la* Locke (como demonstrado na *Introdução*), as qualidades primárias deveriam poder ser percebidas diretamente e, daí, deveriam ser imagináveis de modo isolado, o que é absurdo (cf. 10). Daí segue Berkeley (12 - 13) a demonstrar que nenhuma das qualidades primárias pode ser pensada sem a companhia de qualidades secundárias. No parágrafo 14, Berkeley desferirá o golpe final: assim como, por exemplo, as cores, extensão, figura e movimento também podem ser percebidas de modo distinto por distintos homens.

Resumindo, nas palavras do próprio Berkeley:

In short, let any one consider those arguments which are thought manifestly to prove that colours and taste exist only in the mind, and he shall find they may with equal force be brought to prove the same thing of extension, figure, and motion. Though it must be confessed this method of arguing does not so much prove that there is no extension or colour in an outward object, as that we do not know by sense which is the true extension or colour of the object. But the arguments foregoing plainly shew it to be impossible that any colour or extension at all, or other sensible quality whatsoever, should exist in an unthinking subject without the mind, or in truth, that there should be any such thing as an outward object. (Tratado, 15)

¹⁰ Confira, por exemplo, DAVIDSON, A. & HORNSTEIN, N. *The Primary/Secondary Quality Distinction: Berkeley, Locke and The Foundations of Corpuscularian Science*. In. CREERY, W. (Ed.). *George Berkeley – Critical Assesment. Volume II – Qualities, General Ideas and Perception*. Londres: Routledge, 1991.

¹¹ Através “da ação de partículas insensíveis em nossos sentidos” (II. 8, 13)

E fica claro: ele está a utilizar-se das armas fornecidas pelo próprio Locke, ou seja, dos próprios fundamentos da doutrina empirista. Os sentidos não sustentam a distinção entre qualidades primárias e secundárias. E, já que ela não poderia ser sustentada de outra maneira, ela é inaceitável. Temos aqui, pois, o Berkeley empirista cumprindo sua primeira e fundamental tarefa: não há fundamento epistemológico possível para a distinção entre qualidades primárias e secundárias. Os limites da epistemologia aceitável – o empirismo – incluem apenas o que podemos perceber (e nada além). Não há sentido, pois, em falarmos de nada além de nossas percepções, particularmente, em última análise, falarmos da existência de objetos não percebidos atualmente.

3. BERKELEY, FILÓSOFO DA CIÊNCIA

É evidente que Berkeley conhecia o uso lockeano da distinção entre qualidades primárias e secundárias. É interessante notar, porém, que o início do debate contra os defensores da existência de qualidades primárias não explicita um ataque à Locke, mas supunha um grupo mais amplo¹²:

Some there are who make a distinction betwixt primary and secondary qualities. By the former they mean extension, figure, motion, rest, solidity or impenetrability, and number; by the latter they denote all other sensible qualities, as colours, sounds, tastes, and so forth. The ideas we have of these they acknowledge not to be the resemblances of anything existing without the mind, or unperceived, but they will have our ideas of the primary qualities to be patterns or images of things which exist without the mind, in an unthinking substance which they call Matter. By Matter, therefore, we are to understand an inert, senseless substance, in which extension, figure, and motion do actually subsist. But it is evident from what we have already shown, that extension, figure, and motion are only ideas existing in the mind, and that an idea can be like nothing but another idea, and that consequently neither they nor their archetypes can exist in an unperceiving substance. Hence, it is plain that that the very notion of what is called Matter or corporeal substance, involves a contradiction in it. (Tratado, 9, grifo nosso)

De fato, o debate que Berkeley pretendia travar ia muito além da obra de Locke. O debate meta-científico no qual Berkeley se insere envolve, de um lado, a concepção tradicional (à época) de Ciência, de inspiração nominalista, e o Realismo dos novos cientistas. Um evento pode servir de pano de fundo para o debate: a condenação de Galileu¹³.

¹² Também Descartes – para ficar com apenas um exemplo – distinguia qualidades primárias das secundárias, na parte II dos *Princípios da Filosofia*.

¹³ Deve ficar claro que Berkeley é um adversário de uma concepção metacientífica, não da ciência. Berkeley não duvida do seu êxito – instrumental – mas apenas do alcance epistemológico da ciência – ela não “cortará o mundo em suas juntas”. Mas há mais. O que significa uma explicação científica? Significa mostrar que 1) algo é

Não há dissenso, entre os Historiadores da Ciência, sobre as razões da condenação de Galileu: em última análise punia-se o ataque – supostamente pernicioso à fé – ao modelo de ciência vigente. E. McMullin é bastante preciso:

In 1623, Galileo's friend, Maffeo Barberini, was elected Pope as Urban VIII. In a series of interviews with the new Pope, Galileo won an evidently reluctant permission to proceed with a treatise on the Copernican system, provided it be treated as a hypothesis. The traditional understanding of mathematical astronomy was that mathematical 'hypotheses', like those of Ptolemy and Copernicus, were to be regarded as convenient predictive devices only. Furthermore, for theological reasons rooted in the earlier nominalist-voluntarist tradition, Urban himself maintained that the underlying causes of a physical phenomenon could never be established demonstratively, as the Aristotelian notion of science required, since God could always bring about the phenomenon by other hidden means. But Galileo evidently considered himself licensed by Urban to argue for the possible truth of the Copernican claims, understanding 'hypothesis' now in a very different sense, a sense closer to the modern one. And so he began work on a treatise that would make the best case possible for Copernicanism, stopping short only of claiming it had been demonstrated. After a lengthy struggle with the ecclesiastical censors in Rome and in Florence, he was finally permitted to publish the Dialogue Concerning the Two Chief World Systems in 1632¹⁴

E o Cardeal Belarmino logo percebeu o risco (para a posição então vigente de Ciência e, daí, para a Teologia) do movimento que Galileu está a executar. Em carta para Foscarini ele afirma:

Dizer que ao assumir que a terra está em movimento e que o sol está imóvel, e ao fazê-lo, salva-se todas as aparências melhor do que alguém que postula excêntricos e epicíclis, isto se pode falar sem perigo e é suficiente para o matemático. Mas desejar afirmar que o sol está realmente no centro do mundo, que ele se volta apenas para si sem ir do leste para o oeste...isto é uma coisa muito perigosa.¹⁵

o caso; 2) que isto é o caso por *causa* de tal e tal....Imaginemos, por exemplo, por que um fenômeno se comporta de tal e tal modo? Por causa da ação de tais e tais qualidades, poderes etc. Reconhecidamente - até por Berkeley - nossa explicação seria muito pobre se a limitássemos a inferências que envolvam apenas entidades que interagem diretamente conosco. Além disso, uma explicação envolve o elemento da unificação – queremos unificar vários fenômenos. Queremos, por exemplo, falar de “movimento”. Como Carnap mostrou, não se pode definir todos os termos em definições empíricas. Berkeley sabia disso, mas, ao invés de construir uma teoria (semântica, como fez Carnap) para dar conta disso, preferiu, numa opção epistemológica que ainda conserva seu *glamour* (ao contrário de sua opção hoje em dia limitada, agastada, que é a opção metacientífica de encerrar o debate com uma posição instrumentalista), manter-se um agnóstico quanto à existência das entidades teóricas. Hoje em dia o debate sofisticou-se e, muito provavelmente, a questão “existem ou não as entidades teóricas” não é mais tão importante quanto foi para Berkeley.

¹⁴ McMullin, Ernan. *Galileo Galilei*. In. Routledge Encyclopedia of Philosophy, Versão 1.0, London: Routledge, 1998.

¹⁵ Carta de Belarmino para Foscarini, citada em P. Duhem – *To Save the Phenomena* (Chicago: Chicago University Press, 1969), apud NEWTON-SMITH, W. H., *Berkeley's Philosophy of Science* (In. FOSTER, J & ROBINSON, H. (Ed.). *Essays on Berkeley*. Oxford: Clarendon Press.). Uma versão em português deste texto está sendo finalizada pelo professor Marcos Rodrigues da Silva e pelo autor do presente ensaio será publicada em breve.

Podemos encontrar, no *Tratado*, uma preocupação semelhante a dos inquisidores de Galileu. Vejamos, por exemplo, os parágrafos 60-66; no sexagésimo parágrafo, Berkeley apresenta uma das possíveis objeções à *esse = percipi*:

In the eleventh place, it will be demanded to what purpose serves that curious organization of plants, and the animal mechanism in the parts of animals; might not vegetables grow, and shoot forth leaves of blossoms, and animals perform all their motions as well without as with all that variety of internal parts so elegantly contrived and put together; which, being ideas, have nothing powerful or operative in them, nor have any necessary connexion with the effects ascribed to them? If it be a Spirit that immediately produces every effect by a fiat or act of his will, we must think all that is fine and artificial in the works, whether of man or nature, to be made in vain. By this doctrine, though an artist hath made the spring and wheels, and every movement of a watch, and adjusted them in such a manner as he knew would produce the motions he designed, yet he must think all this done to no purpose, and that it is an Intelligence which directs the index, and points to the hour of the day. If so, why may not the Intelligence do it, without his being at the pains of making the movements and putting them together? Why does not an empty case serve as well as another? And how comes it to pass that whenever there is any fault in the going of a watch, there is some corresponding disorder to be found in the movements, which being mended by a skilful hand all is right again? The like may be said of all the clockwork of nature, great part whereof is so wonderfully fine and subtle as scarce to be discerned by the best microscope. In short, it will be asked, how, upon our principles, any tolerable account can be given, or any final cause assigned of an innumerable multitude of bodies and machines, framed with the most exquisite art, which in the common philosophy have very apposite uses assigned them, and serve to explain abundance of phenomena? (Tratado, 60)

Esta objeção tem pressuposto claramente realista. E Berkeley tratará de mostrar a sua insustentabilidade:

To set this matter in a yet clearer light, I shall observe that what has been objected in sect. 60 amounts in reality to no more than this:- ideas are not anyhow and at random produced, there being a certain order and connexion between them, like to that of cause and effect; there are also several combinations of them made in a very regular and artificial manner, which seem like so many instruments in the hand of nature that, being hid as it were behind the scenes, have a secret operation in producing those appearances which are seen on the theatre of the world, being themselves discernible only to the curious eye of the philosopher. But, since one idea cannot be the cause of another, to what purpose is that connexion? And, since those instruments, being barely inefficacious perceptions in the mind, are not subservient to the production of natural effects, it is demanded why they are made; or, in other words, what reason can be assigned why God should make us, upon a close inspection into His works, behold so great variety of ideas so artfully laid together, and so much according to rule; it not being credible that He would be at the expense (if one may so speak) of all that art and regularity to no purpose. (Tratado, 64)

Há, pois, engenho nas teorias formuladas, Berkeley o admite. Porém, a seguir, Berkeley desferirá um violento ataque às pretensões descabidas de adequação entre as “idéias engenhosamente articuladas” e uma suposta “realidade”.

To all which my answer is, first, that the connexion of ideas does not imply the relation of cause and effect, but only of a mark or sign with the thing signified. The fire which I see is not the cause

of the pain I suffer upon my approaching it, but the mark that forewarns me of it. In like manner the noise that I hear is not the effect of this or that motion or collision of the ambient bodies, but the sign thereof. Secondly, the reason why ideas are formed into machines, that is, artificial and regular combinations, is the same with that for combining letters into words. That a few original ideas may be made to signify a great number of effects and actions, it is necessary they be variously combined together. And, to the end their use be permanent and universal, these combinations must be made by rule, and with wise contrivance. By this means abundance of information is conveyed unto us, concerning what we are to expect from such and such actions and what methods are proper to be taken for the exciting such and such ideas; which in effect is all that I conceive to be distinctly meant when it is said that, by discerning a figure, texture, and mechanism of the inward parts of bodies, whether natural or artificial, we may attain to know the several uses and properties depending thereon, or the nature of the thing. (Tratado, 65. Grifo nosso)

A passagem grifada é deveras significativa. Podemos, ali, claramente identificar a adesão berkeleyana ao modelo de ciência sob ataque desde Galileu. Berkeley é, porém, original: o modelo de ciência que limita o *status* das teorias científicas a meras “hipóteses matemáticas” não é apenas plausível, mas é tudo que podemos esperar da Ciência. Qualquer outra pretensão carece de fundamento¹⁶.

É interessante notarmos que os fundamentos ausentes são os mesmos já destruídos pelo Berkeley empirista, a distinção qualidades primárias/secundárias. O projeto do Berkeley Filósofo da Ciência e do Berkeley empirista é, pois, maravilhosamente coerente, assentado sobre as mesmas bases¹⁷.

A discussão com a Ciência de sua época ocupa boa parte da obra berkeleniana. Mesmo no *Tratado*, são inúmeras as passagens em que ele aparece dialogando com a filosofia natural de sua época; a Newton, por exemplo, ele refere-se em diversos parágrafos (103-4, 110); seu diálogo com a filosofia natural aparece, porém, em toda a obra¹⁸. Suas considerações sobre a matemática também são significativas (cf. 118 e ss.). Na verdade, o diálogo com cientistas e matemáticos atravessa toda a obra berkeleniana, do *On Infinities*, de 1707 ao *Reasons for not Replying for Mr. Walton Full Answer*, de 35. Isso, a nosso ver, só reforça o papel central do Berkeley Filósofo da Ciência no todo da obra berkeleniana.

¹⁶ A originalidade de certos aspectos da concepção berkeleyana de Ciência é identificada por W. H. Newton-Smith, no já mencionado *Berkeley's Philosophy of Science*.

¹⁷ Isto é ainda mais digno de nota se lembramos das gritantes diferenças entre a obra do Descartes epistemólogo e do Descartes Cientista.

¹⁸ Como veremos, o ataque à distinção entre qualidades primárias e secundárias – central para a tese do imaterialismo berkeleniano – é, antes de mais nada, um debate sobre a metafísica da ciência.

Temos, assim, um Berkeley que, inspirado por motivos de caráter religioso, busca no empirismo a base epistemológica para atingir seu objetivo: fundamentar o instrumentalismo¹⁹.

4. BERKELEY, O METAFÍSICO

Há, porém, um “quarto Berkeley”. É o Berkeley que se ocupa, em diversas passagens do *tratado*, de questões que chamaremos aqui de “metafísicas”. Isto inclui, por exemplo, todo o aparato utilizado para explicar o modo como as idéias são produzidas em nossa mente (através da ação de Deus), a regularidade das nossas percepções sobre a natureza, etc. Este Berkeley “metafísico” entrará para a história por uma porta de entrada dourada: ele é, na apresentação de Kant na *Crítica da Razão Pura*, um dos “idealistas”.

Não nos ocuparemos destas questões “metafísicas”. Para nós, aqui, o importante consiste em perguntarmos qual o papel deste aparato conceitual na obra berkeleniana. E, a nosso ver, isto resume-se a uma questão: qual a função do aparato metafísico berkeleniano para a sustentação de *esse = percipi*?

Esta questão é, do nosso ponto de vista, central por uma razão: se *esse = percipi* não depender do que estamos chamando de “metafísica berkeleniana”, então podemos tomá-la como um conjunto de hipóteses totalmente *ad hoc* à epistemologia do irlandês. Caso contrário, deveremos aceitar que metafísica e epistemologia estão imbricadas.

A resposta à questão pode ser facilmente obtida: *esse = percipi* depende apenas, em última análise, da impossibilidade de sustentarmos a existência de nada além de nossas percepções (o que inclui a rejeição da possibilidade das idéias abstratas – pelo menos no sentido lockeano de abstração - e a insustentabilidade da distinção qualidades primárias/secundárias); em outras palavras, *esse = percipi* é uma tese meramente

¹⁹ Muitas das questões antecipadas por Berkeley e desenvolvidas por Hume continuam, como é notório, em aberto. Na Revista *Crítica*, vol. 6, número 21, out/dez 2000, editada por este articulista e pelo professor Marcos Rodrigues da Silva, encontram-se publicadas duas traduções, de nossa própria lavra, de artigos essenciais para o debate: *Sobre a Crítica de Van Fraassen ao Raciocínio Abduativo*, de Stathis Psillos (artigo originalmente publicado em *The Philosophical Quarterly*, volume 46, número 182, janeiro de 1996, pp. 31-47, com o título "On van Fraassen's Critique of Abductive Reasoning") e *Uma defesa da crítica de van Fraassen à inferência abduativa: uma réplica a Psillos*, de James Ladyman, Igor Douven, Leon Horsten e Bas van Fraassen (artigo originalmente publicado em *The Philosophical Quarterly*, volume 47, número 188, julho de 1997, pp. 305-321, com o título "A Defence of van Fraassen's Critique of Abductive Reasoning: Reply to Psillos").

epistemológica²⁰, que pode ser defendida sem apelo a nada além do instrumental epistemológico berkeleniano.

Assim, podemos sustentar que o aparato metafísico utilizado por Berkeley (um Deus que produz idéias diretamente em nossas mentes e que garante a regularidade de nossas percepções, etc, etc) poderia ser, sem prejuízo àquilo que, como viemos sustentando, é o objetivo da Filosofia berkeleniana, substituída por outra metafísica ou, mesmo, por uma saída cética ou até naturalista. Nenhuma delas abalaria aquilo que ocupa a maior parte das especulações do Bispo de Cloyne. Discutir, assim, o estatuto desta metafísica é algo de secundário, ficando quase que reduzido à curiosidade exegetica. Talvez um espírito mais ousado e menos comprometido – como o de um Hume – poderia nos legar um *tratado sobre os Princípios do Entendimento Humano* mais curto – menos saboroso para o espírito apaixonado por vãos mais elevados, talvez – mas nem por isso menos preciso ou menos coerente. E, afinal, como lembra o adágio, “quanto mais alto, maior a queda”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKELEY, George. **Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano**. In. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1ª Ed., 1973, vol. XXII.

BERKELEY, George. **A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge**. In. <<http://www.utm.edu/research/iep/text/berkeley/berkprin.htm>>

BERKELEY, George. **Três Diálogos entre Hilas e Filonous**. In. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1ª Ed., 1973, vol. XXII.

DAVIDSON, A. & HORNSTEIN, N. **The Primary/Secondary Quality Distinction: Berkeley, Locke and The Foundations of Corpuscularian Science**. In. CREERY, W. (Ed.). *George Berkeley – Critical Assesment. Volume II – Qualities, General Ideas and Perception*. Londres: Routledge, 1991.

LOCKE, John. **An Essay Concerning Human Understanding**. In. <<http://www.knuten.liu.se/~bjoch509/works/locke/understanding.txt>>.

²⁰ Alguém poderia sustentar que é precisamente *esse=percipi* que permite a incursão de Berkeley pelos caminhos da metafísica. A afirmação, cremos, é correta. Ao eliminar o materialismo, parece natural que esperemos que Berkeley nos ofereça respostas para questões como a da origem de nossas idéias e uma explicação sobre sua regularidade. Hume ofereceu-nos, em resposta à questões semelhantes, uma inspiração para o naturalismo. Berkeley o que é chamado por alguns autores de “idealismo”. Enquanto o projeto humeano, a nosso ver, pode ser desenvolvido sem ofensa aos postulados empiristas, o mesmo não ocorre com o berkeleniano. O “idealismo” berkeleniano é resposta aos problemas implicados na aceitação de *esse=percipi*; mas é uma das respostas possíveis.

McMULLIN, Ernan. **Galileo Galilei**. In. Routledge Encyclopedia of Philosophy, Versão 1.0, London: Routledge, 1998.

NEWTON-SMITH, W. H., **Berkeley's Philosophy of Science**. In. FOSTER, J & ROBINSON, H. (Ed.). *Essays on Berkeley*. Oxford: Clarendon Press.

PAPPAS, George. **Abstract Ideas and The 'Esse is Percipi' Thesis**. In. CREERY, W. *George Berkeley – Critical Assessments*. Londres: Routledge, 1991, Vol. II, pp. 271-85